

TÉCNICA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO A PARTIR DE H. MARCUSE¹

Mariana da Rosa Silveira Garros², Roselaine Ripa³.

¹ Vinculado ao projeto “Crítica da Teoria Crítica à Tecnologia: um estudo bibliográfico sobre a Escola de Frankfurt”

² Estudante do Curso de Pedagogia na Modalidade a Distância do CEAD - Bolsista PIVIC

³ Orientadora, Departamento de Pedagogia na Modalidade a Distância – CEAD
roselaine.ripa@udesc.br

Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin e Jürgen Habermas figuram entre os principais pensadores do que se conhece como Escola de Frankfurt. A criação oficial do Instituto de Pesquisa social em 3 de fevereiro de 1923, o *Institut fuer Sozialforschung*, é inicialmente vinculada à Universidade de Frankfurt cuja localidade acaba imprimindo o nome no qual um grupo de pensadores e suas ideias acabam sendo conhecidos posteriormente. Assim, o termo Escola de Frankfurt refere-se a uma teoria social e a um grupo de intelectuais que na década dos anos 20 tinham como fio vermelho que os unia o tema do Esclarecimento (*Aufklaerung*).

Apesar destes serem pensadores, autores, propostas e reflexões um tanto diversos o intuito fora criar através do *Institut* um centro de pesquisas voltado à análise e à crítica diante do capitalismo moderno e sua superestrutura, principalmente através de reflexões críticas que unissem teoria social, psicológica e análise dialética. No discurso inaugural, Horkheimer mostra que o centro se propunha dar uma nova direção à reflexão filosófica do momento. A forma dessa teorização se concretizar, segundo ele, deveria extrapolar a o puro ativismo ou a luta partidária - característica identitária dos marxistas até então.

Compondo a chamada primeira geração da Escola de Frankfurt está Herbert Marcuse que, inicialmente contribui como ensaísta da revista publicada pelo *Institut* que dá corpo às principais ideias da Teoria Crítica da Sociedade. Por conta do contexto hostil e o crescimento do movimento nazista no seu país de origem, Marcuse emigra da Alemanha para os Estados Unidos em 1934. Lá permanece até o fim da sua vida trabalhando no *Office of Strategic Service* e como professor da Universidade Brandeis na Califórnia. Douglas Kellner definiu Marcuse como “um dos primeiros teóricos críticos das novas formas de dominação tecnológica e política nas sociedades industriais avançadas e como um importante teórico da tecnologia, do fascismo e das vicissitudes da sociedade industrial avançada”.

Diante desse cenário, a presente pesquisa teve como objetivo investigar o conceito de técnica e tecnologia proposto por Herbert Marcuse e buscou abordar tais conceitos nas suas mediações com a cultura e a educação buscando na Teoria Crítica da Sociedade a fundamentação teórico-crítica para sua análise. Assim, buscamos refletir sobre as condições impostas pelo capitalismo tardio e tentar compreender as relações entre a fetichização da técnica, as condições de produção da cultura determinadas pela lógica da mercadoria e o processo formativo do indivíduo. Se tratou, portanto, de uma pesquisa bibliográfica a partir dos textos de autoria de Marcuse e comentadores com o intuito de avançar nas discussões envolvendo a relação das tecnologias com a cultura e a educação no contexto atual de forma a buscar identificar nexos entre técnica, tecnologia, cultura e educação.

Portanto, primeiramente nos debruçamos diante do conceito de técnica e tecnologia em Marcuse a partir do livro *Tecnologia, Guerra e Fascismo* escrito em 1941. Mais precisamente no seu capítulo inicial intitulado “Algumas implicações sociais da tecnologia”. Nessa obra, Marcuse apresenta a tecnologia enquanto um processo social onde a técnica (o aparato técnico da indústria, transportes, comunicação) é um fator, uma parte, da tecnologia. Marcuse salienta que não quer tratar do efeito da tecnologia sobre os indivíduos, mas para além disso, considera os indivíduos como parte da tecnologia. Não somente por a inventarem, mas por direcionarem seus usos e suas aplicações. Assim, vê a tecnologia como modo de produção, como a totalidade dos instrumentos, dispositivos e invenções do que ele chamou de era da máquina. Por isso, a coloca como forma capaz de intervir nas relações sociais (organizando-as, perpetuando-as e modificando-as), como uma manifestação do pensamento e padrões de comportamento dominantes bem como um instrumento de controle e dominação.

Por assim ser, Marcuse aponta que a técnica, por ela mesma, pode promover tanto autoritarismo quanto liberdade. Escassez e abundância. Trabalho árduo ou o fim dele. O nacional-socialismo aparece, portanto, como um exemplo emblemático de “tecnocracia”, pois nele a ideia de eficiência superou os padrões mais tradicionais de lucro e bem-estar geral, fazendo a manutenção de uma opressão e uma escassez através - e apesar de dispor - de uma economia altamente avançada. Marcuse mostra que inerente à tecnologia há uma engenhosa administração cuja dinâmica é regida pela eficiência através de fatores do poder. Assim, há um jeito manifesto de condução das coisas, uma dinâmica específica deflagrada pela tecnologia, criando um modo de produção, uma “indústria”. Esse capítulo resume-se como o ponta pé do que posteriormente Marcuse melhor discorre em sua obra chamada *O Homem Unidimensional*.

Como sequência, debruçamo-nos a estudar a obra *O Homem Unidimensional*. Nela, portanto, Marcuse oferece uma crítica poderosa, mas esperançosa, dos novos modos de dominação e controle social para além do pensamento e comportamento predominantes na sociedade – aos quais ele chamou de “unidimensional”. A obra trata de certas tendências básicas da sociedade industrial contemporânea que parecem indicar uma nova fase da civilização as quais engendram um modo de pensamento e o comportamento humano. Esta importante obra de teoria crítica social reflete o conformismo sufocante da época ao mesmo tempo que fornece denúncia, nas palavras do próprio frankfurtiano, que “o que é seja constantemente comparado com o que poderia ser: um modo mais livre e feliz da existência humana”.

Por fim, o uso intensivo das tecnologias presente na sociedade atual se coloca como uma importante análise para a educação em face à sociedade administrada e à razão tecnológica. Tal racionalidade tecnológica, que estrutura e dá suporte à sociedade atual, mais precisamente nos setores da produção, tende a invadir o cotidiano dos indivíduos bem como as relações sociais e o processo de ensino-aprendizagem. A técnica acaba tendo caráter central na formação dos sujeitos e a reflexão crítica se faz importante perante o furor compulsivo do espírito tecnológico.

Palavras-chave: Técnica; Tecnologia; Educação; Teoria Crítica da Sociedade; Herbert Marcuse.